

Inquérito

A coluna dorsal e a carteira: o peso e a reutilização dos livros

Entre a última Gazeta e a presente, a vida política portuguesa foi conturbada. Mudou-se de governo e a composição da Assembleia da República foi profundamente alterada. No sector da Educação anunciaram-se medidas, algumas anuladas mais tarde, outras, como o ensino do inglês, mantidas.

O peso dos livros a distorcer as colunas dos nossos adolescentes, muito provavelmente, continuará. É caso para perguntar: os livros devem ser utilizados para mexer com as vértebras ou para mexer com a mente e o espírito? Se usássemos ainda a tecnologia da escrita cuneiforme seria dramático! A vantagem de evitar a poluição das celulosas não compensaria.

A Gazeta de Matemática procurou opiniões de alguns professores.

Questão 1. *Ainda no tempo da Ministra Maria do Carmo Seabra foi anunciado que se iria promover a reutilização dos manuais escolares. Os alunos que entregassem os manuais em boas condições teriam direito a receber gratuitamente os do ano seguinte, mesmo que fossem em número muito superior. Porém, recentemente, o novo Governo anulou a medida a pretexto de ser inexecutável por duas razões: os alunos escrevem nos livros em resposta a exercícios que neles vêm e necessitam deles no início do ano para recordar matéria. Que pensa de tudo isto?*

Questão 2. *Tem-se dito, com muita frequência, que os alunos são obrigados a adquirir muitos livros. Isso implica uma despesa demasiado elevada para os pais e há quem diga que o peso que têm de carregar nas mochilas, sobretudo os de mais tenra idade, é prejudicial para a saúde. Qual é a sua opinião sobre este assunto?*

Questão 3. *E que dizer das sucessivas reformas com alterações de currículos? Isso tem também implicações no que respeita à necessidade de adquirir novos livros. Que pensa disto, sobretudo na disciplina de Matemática? O conteúdo não pode manter-se sem alteração por muitos e bons anos ou a Matemática evolui assim tão rapidamente que necessite de adaptações frequentes ao nível do ensino básico e secundário?*

Questão 4. *Outra novidade é a introdução do inglês no ensino básico. E o francês? Será votado ao esquecimento? Não será isso estranho num país de língua latina e tão influenciado pela cultura francesa? Qual é a sua opinião?*

Questão 5. *O actual governo tornou público que pretende manter os estudantes ocupados durante os chamados furos, recorrendo a aulas de substituição. Que acha desta medida? Onde ir buscar professores para as aulas de substituição? Não se correrá o risco de desgastar ainda mais os professores?*

Eugénia Felgueiras,
Escola Secundária de Santa Maria Maior, Viana do Castelo

1. Concordo plenamente com a anulação desta medida e com as razões apresentadas pelo novo Governo.

2. Sou da mesma opinião. Aproveito esta oportunidade para sugerir que diminuam o número de disciplinas dos currículos dos alunos. Esta medida, seguramente, implicará uma diminuição significativa do número de manuais a adquirir, da despesa anual para os adquirir e conseqüentemente do peso das mochilas.

3. Penso que os conteúdos programáticos não têm sofrido alterações substanciais que justifiquem as mudanças sucessivas de manuais. Acho que existe um leque muito variado de manuais escolares, de várias editoras, o que dificulta bastante a escolha dos manuais. Por que não existe um único manual, por exemplo para o 10º ano de Matemática A, a nível nacional, da Editora do Ministério da Educação que respeite o programa de Matemática A?

4. Concordo com a introdução do inglês no ensino básico desde que seja leccionado por professores com formação científica e pedagógica nessa área. Relativamente ao francês penso que deveria ser obrigatório a sua introdução no 2º ciclo. Considero a introdução dos dois idiomas no ensino básico demasiado pesada para os alunos.

5. Esta medida pode resultar ou não, depende de cada escola, isto é, dos alunos, dos docentes, dos recursos físicos e humanos de cada escola.

Maria Emília Bigotte,
Instituto Politécnico de Coimbra e Dirigente no
Movimento Associativo de Pais

1. O manual tem de ser entendido como um dos muitos recursos a ser utilizado dentro e fora da sala de aula de forma a permitir uma efectiva diversificação das estratégias de aprendizagem. Assim sendo deveria ser aceite como

um bem a preservar que, como qualquer livro, servirá para ser consultado e manuseado e difundir a língua portuguesa. Como tal, mais que adoptar uma política de reutilização dos manuais, há que apostar fortemente na qualidade dos manuais existentes e de uma vez por todas ter a coragem de adoptar um conjunto limitado que responda eficazmente às suas funções e que não onere os gastos que as famílias têm com a educação dos seus filhos. Aos alunos abrangidos pela acção social escolar deverão ser-lhes oferecidos todos os recursos básicos exigidos na escolaridade obrigatória que lhes proporcione o acesso à educação.

2. É notório o elevado número de manuais exigidos aos alunos! É relevante o número de tarefas, a realizar nos manuais, deixadas para as crianças fazerem em casa no fim do seu dia de trabalho o que não facilita a possibilidade de libertar os alunos de alguma carga adicional. Assim sendo, cada vez mais é exigido aos alunos que carreguem todo o material básico, e muitas vezes o complementar a outras tarefas, no seu dia a dia, no trajecto escola-casa. Torna-se assim urgente pensar qual o verdadeiro papel da escola de forma a não continuar a hipotecar o futuro da educação.

3. Como já referi, penso que hoje em dia o manual de Matemática é feito no sentido de o fazer ajustar-se, o mais possível, às orientações emergentes em tornar as crianças e os jovens matematicamente alfabetizados. Este tipo de manual demasiado orientado não cria no docente a necessidade de aproveitar o que é interessante para a criança e partir do seu mundo "real" para introduzir as actividades educativas, que assim se tornam significativas. Desta forma defendo um manual bem estruturado que seja complementado por actividades desenvolvidas com cada turma, dentro e fora da escola, que evidenciem a necessidade da resolução de problemas a partir do quotidiano, como forma significativa e real de abordagem, e que fomentem o gosto pela investigação no sentido de melhor compreender os conteúdos matemáticos.

4. A Língua Inglesa é integrada no currículo no 2º ciclo e 3º ciclo, estando, neste nível de ensino, prevista a introdução de uma segunda língua estrangeira. Relativamente ao 1º

ciclo, nas orientações curriculares do decreto lei 268/89 a introdução da língua estrangeira surgia como uma oferta educativa da escola a desenvolver em contexto de complemento curricular. O decreto lei 6/2001, que estabelece a reorganização do currículo do ensino básico, continua a prever uma possível iniciação a uma língua estrangeira num contexto de actividades de enriquecimento curricular, com carácter facultativo. Esta produção legislativa não refere a língua inglesa como a adoptada. Assim sendo, no âmbito do Projecto Educativo de Agrupamento, cada turma, de acordo com o seu Projecto Curricular, deverá estabelecer as prioridades em função das características dos alunos e dos interesses dos pais, uma vez que a frequência da língua estrangeira não será, até legislação em contrário, integrada nos conteúdos curriculares.

5. Há nesta matéria duas situações a considerar relativamente ao conceito de "furo". A falta pontual de um professor cria, excepcionalmente, um tempo livre ao aluno, que não tem que ser necessariamente compensado com aulas de substituição. Estes momentos são necessários à formação da consciência moral das crianças, uma vez que, tal como os recreios, são espaços informais de aprendizagem onde, através de uma maior interacção e convívio, as crianças adquirem, com os seus pares, a sua personalidade, moldada pelo meio social em que vivem. Para estes furos, tem de haver uma resposta da escola na criação de condições para que os alunos possam passar o seu tempo, de acordo com as suas necessidades e respondendo às suas expectativas: bibliotecas, mediatecas, salas de estudo, salas de informática, salas polivalentes, campos de jogos,.... No entanto, os "furos" criados pela falta sistemática do professor têm de passar obrigatoriamente por uma avaliação criteriosa da situação para que a escola, no quadro da sua autonomia (desejável e verdadeiramente reconhecida), com a co-responsabilização de todos os intervenientes, encontre a forma ajustada à resolução do problema, que poderá passar pela substituição temporária, no seio dos próprios recursos existentes, ou efectiva, que conduzirá à contratação de novo docente.

Maria Teresa Viegas,

Escola Secundária de Fontes Pereira de Melo, Porto

1. Num país como o nosso, faz todo o sentido promover a reutilização dos manuais escolares. Manuais "mortos" num sótão, ou desfeitos no lixo, isso é que não! Pode muito bem acontecer que a medida anunciada não seja muito fácil de pôr em prática; não concordo, no entanto, com as razões apontadas. Um aluno que, por dificuldades económicas, se veja impossibilitado de adquirir os manuais do ano seguinte, sabendo que os poderá vir a conseguir por troca com aqueles que tem em mãos, será o primeiro a preservá-los! Terá todo o cuidado em conservá-los em boas condições e evitará escrever neles seja o que for (aliás, os livros não deviam "convidar" os alunos a isto!). Para rever a matéria, há sempre a possibilidade de recorrer a um empréstimo de curta duração, requisitando numa biblioteca ou pedindo a um colega.

2. Essas duas sobrecargas (despesas demasiadamente elevadas e peso excessivo) são, de facto prejudiciais. Qualquer delas diminuiria consideravelmente se os manuais fossem mais "simples", menos pretensivos: o papel não precisava de ser de tanta qualidade, os espaços deviam ser mais bem aproveitados, as ilustrações menos folclóricas e exuberantes. Pelos vistos, perdeu-se o hábito de escrever "da esquerda para a direita e de cima para baixo". Talvez não se possa, nem deva, voltar atrás! Parece-me, no entanto, que se caiu no exagero contrário o que conduz ao desperdício (colunas onde quase nada aparece escrito ou onde há ilustrações que não estão ali senão a convidar à distracção!). Resultado: os alunos carregam com papel em branco (ou a cores suaves!) que o encarregado de educação pagou como se estivesse escrito.

3. Acho que, ultimamente, se tem exagerado na frequência com que se pretende mudar! Mudam-se pequenas coisas, os manuais deixam de servir, são postos de lado e logo as editoras se apressam a colocar novos manuais à venda. Ora, a pressa, como inimiga da perfeição que sempre foi, arrasta os seus efeitos: manuais com gralhas, erros,

encadeamentos irreflectidos. E isso nem chega a ser convenientemente corrigido; para quê, se tudo vai mudar outra vez tão brevemente? Além disso, bem vistas as coisas, no que diz respeito a conteúdos, as mudanças não são assim tão grandes. A matemática evolui, mas o que temos que ensinar no básico e secundário permanece. Quanto a métodos de ensino, acho que isso está na mão dos professores.

4. Concordo inteiramente com a medida! Quanto mais cedo se dá a conhecer uma língua estrangeira, mais eficaz é a sua aprendizagem. Neste momento, é óbvio que tem de ser o inglês, pois, quer queiramos quer não, é esse o idioma através do qual o mundo se comunica.

5. Se não houver grande exagero no número de furos, não vejo razão para pensar em substituições. Mas, de qualquer modo, a haver substituições, elas têm que ser bem pensadas: interessantes, úteis, com qualidade. Nunca uma forma de tortura para professores e alunos só para que estes, aparentemente, não percam tempo.

Rogério Bacalhau Coelho,
Escola Secundária de Pinheiro e Rosa, Faro

1. Gasta-se tanto dinheiro em manuais, que os primeiros interessados em que não se faça nada neste assunto são as editoras. Haja quem tenha coragem de mexer neste assunto e a economia das pessoas vai melhorar e elas vão agradecer assim como as florestas deste mundo. Até hoje tenho visto muito pouca coragem e muitas intenções.

As razões da anulação da medida podem ter pertinência mas o que é certo é que já muitas escolas no País promoviam a troca de manuais com sucesso sem que estas razões fossem impeditivas. Os próprios alunos e as famílias passam a ter cuidado com a utilização dos manuais e para além disso os alunos podem sempre utilizar os manuais existentes nas bibliotecas escolares.

2. Neste assunto há uma evolução positiva pois com a reforma do Ensino Secundário (em 2004/2005) e também a do Ensino Básico em que as aulas passaram para 90 minutos os alunos passaram a ter menos disciplinas por dia

o que significa menos livros e cadernos para carregar. No entanto nos dias com 5 disciplinas de aulas são no mínimo 5 cadernos mais 5 livros mais Façam as contas e vejam quanto é que isto pesa (peso médio de um livro escolar 0,5 Kg). Se pensarmos que no 5º ano há alunos que pesam 30Kg, são pelo menos mais 10% de peso para carregar.

3. Devia haver um consenso nacional sobre quais os conhecimentos e as competências matemáticas que um aluno do ensino básico e do ensino secundário deveria ter no final do ciclo de estudos. De cada vez que se faz uma reforma o que acontece é que os currículos e os programas são feitos com base nas sensibilidades das pessoas que estão à frente das comissões respectivas. Faça-se um bom programa e não necessitamos de o alterar provavelmente nos próximos 10, 15 ou 20 anos. Mesmo com a grande evolução da matemática nas últimas décadas, o básico/essencial mantém-se actual.

4. E que dizer do espanhol? Quando temos tantos problemas de literacia e na matemática não seria de apostar primeiro nestas duas disciplinas do ensino básico? Será que a introdução do Inglês no 1º ciclo de escolaridade vai resolver os problemas do ensino ou será mais uma bandeira política?

5. É uma questão de difícil resposta. Para isso é necessário ter uma bolsa de professores disponível. As escolas e o trabalho/horário dos professores não estão preparados para isso pois são estruturas muito rígidas. No entanto já existem boas experiências nesta área em muitas escolas. Pessoalmente tenho algumas dúvidas pois muitas destas aulas de substituição servem apenas para empatar os alunos nesses tempos lectivos. Penso que seria mais proveitoso que se combatesse algum absentismo dos professores e, por outro lado, as escolas estivessem bem equipadas com estruturas de apoio como bibliotecas, salas multimédia, campos de jogos onde os alunos de forma livre ou acompanhada pudessem ocupar o tempo divertindo-se, pesquisando, socializando-se, ... Com a carga horária dos alunos (muitos só com duas tardes livres por semana) os furos até podem ser bons.